

vro excelente do sobrinho do General (*) mostram que não somente Patton tinha certeza de que vivera antes mas também podia lembrar detalhes das vidas passadas, das guerras e lugares.

A maioria do clero cristão, porém, ainda reage a esta idéia quase da mesma maneira como a Rainha Vitória, apegada a uma história de cores já apagadas.

A discussão sobre a reencarnação hoje em dia é muitas vezes desaprovada quase tanto quanto as discussões sobre sexo, sífilis ou controle de natalidade; e muitas pessoas sãs e sérias acham que a reencarnação tem sentido, mas evitam mencioná-la aos amigos íntimos por medo de serem julgados irreligiosos ou exóticos. Porque a reencarnação não é somente um tabu das Igrejas mas também às vezes é defendida por tipos de pessoas com os quais cidadãos conceituados não gostariam de estar identificados.

Embora se esteja quebrando o tabu e o público cada vez mais se interesse pela reencarnação — como qualquer livraria ou jornaleiro o demonstram — os líderes cristãos, com algumas exceções notáveis, ainda consideram o assunto de grande importância potencial, mas inadequado para discussões.

Tudo isso é mais estranho ainda porque a reencarnação é realmente implícita no cristianismo. Porque os cristãos acreditam que Cristo existiu, como o Filho de Deus, antes de se encarnar na forma humana. Acreditam que sua finalidade era levar os homens a se conduzirem como Ele; e que o seu poder permite que o consiga. Os homens, todavia, dificilmente poderiam fazer isto se as suas naturezas e origens fossem completamente diferentes. E se isto acontecesse, certamente Cristo iria mencioná-lo e não iria esperar que fossem como Ele.

(*) *Before the Colors Fade*, por Fred Ayer Jr. Boston: Houghton Mifflin Company.

Por uma das ironias mais divertidas da História, esta atitude estranha do clero do século vinte é parcialmente o resultado das intrigas desapiedadas de uma cortesã superlibidinosa do Oriente Médio, que viveu acerca de 1400 anos atrás. Trata-se aqui de Teodora, filha de um guardião de ursos, que se tornou amante e mais tarde a esposa do Imperador bizantino Justiniano.

Naquele tempo muitos cristãos aceitavam a reencarnação como uma parte essencial do cristianismo. Seguiam os ensinamentos de Origen, um dos sábios mais brilhantes das Igrejas Cristãs primitivas, que uns 250 anos antes escreveu no seu **Princípios**: "cada alma... vem a este mundo fortificada pelas fraquezas ou vitórias da vida anterior. Seu lugar neste mundo, como um vaso escolhido para honrar ou desonrar, é determinado pelos seus méritos ou deméritos. Seu trabalho neste mundo determina a sua vida num mundo futuro."

Esta filosofia enraiveceu Teodora, que queria acreditar — e que o público acreditasse — que sua atividade neste mundo lhe daria a certeza de uma posição mais eminente no outro. Esperava, em outras palavras, um "céu" imediato, e naturalmente encarou com desagrado qualquer sugestão de que ela só obteria o "céu" em encarnações sucessivas nas quais expiaria seus crimes. Então esforçou-se por tirar tais noções do cristianismo.

Há suspeitas de que tenha sido a responsável pelo assassinato de dois Papas que a ela se opuseram, segundo o estudo fascinante de suas conspirações desonestas pelo romancista e teatrólogo Noel Langley.⁽²⁾ E, depois de sua morte, Justiniano, que também esperava por um "céu" imediato, encerrou a discussão sobre a reencarnação convocando no ano 553 o Quinto Concílio Ecumênico da Igreja que — em termos modernos — foi cuidadosamente organizado para declarar que a reencarnação era anátema.

Sem dúvida o Imperador e seus bobocas eclesiásticos ordenaram a destruição de qualquer escrito que desenvolvesse idéias sobre a reencarnação porque pretendiam liquidar as últimas reminiscências do ensino sobre esta ma-